

“Além de surdo é bicha?!” e, olhe a outra, “além de surda, sapatão!”: por uma historiografia de surdos gays e lésbicas a partir dos congressos da Rainbow Alliance of the Deaf

*Gabriel Silva Xavier Nascimento*¹
Instituto Federal de São Paulo

*José Raimundo Rodrigues*²
Prefeitura Municipal de Vitória

*Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado*³
Universidade Federal do Espírito Santo

*Vanessa Regina de Oliveira Martins*⁴
Universidade Federal de São Carlos

Resumo: Este artigo tem como objetivo trazer à luz vivências de gays e lésbicas surdas, apagadas na história. Para isso, recorreremos a uma série documental composta pelos programas das convenções realizadas pela Rainbow Alliance of the Deaf no recorte de 1978-1989. Os programas situam o nascimento de um movimento norte-americano de gays e lésbicas surdos visando a troca de experiências entre gerações e o fomento de amizades através de eventos de cunho político-social com vistas a promoção dos direitos humanos e uma forma de existência que desafia a lógica normativa imposta aos surdos.

Palavras-chave: gays; lésbicas; surdos; RAD; historiografia.

¹ Doutorando em Educação Especial (UFSCar) e em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência (Unifesp), Mestre em Educação (UFES), Especialista em Libras (Finom), Especialista em Educação Especial e Inclusiva (UCM), Licenciado em Letras Português-Inglês (Unibe), atua como Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico na área de Letras - Língua Portuguesa e Libras no Instituto Federal de São Paulo.

² Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1993), mestrado (2006) e doutorado (2011) em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte; graduação em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior FABRA. Mestrado em Educação pelo PPGE - UFES.

³ Doutora (2012) e Mestre (2007) em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES). Professora Associada I do curso Letras Libras, lotada no Departamento de Línguas e Letras (DLL), no Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN/UFES).

⁴ Doutora (2013) e Mestre (2008) em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduada em Pedagogia com habilitação em Educação Especial pela PUCCAMP (2004). Professora Adjunta III na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa (TILSP).

“Besides deaf he is a faggot?!” and, look at the other, “besides deaf, she is a dyke!”: towards a historiography of deaf gays and lesbians from the congresses of the Rainbow Alliance of the Deaf

Abstract: This article aims to explore the experiences of deaf gays and lesbians erased in history. To this end, we resorted to a documentary series composed of the programs of the conventions held by the Rainbow Alliance of the Deaf from 1978 to 1989. The programs indicate the birth of a North American movement of deaf gays and lesbians aimed at the exchange of experiences between generations and the promotion of friendships through political and social events aimed at promoting human rights and a form of existence that challenges the normative logic imposed on deaf gays.

Keywords: gay; lesbian; deaf; RAD; historiography.

“¿¿Además de sordo es maricón?!” y, mira la otra, “además de sorda, es marimacho”: para una historiografía de los gays y lesbianas sordos desde los congresos de la Rainbow Alliance of the Deaf

Resumen: Este artículo pretende examinar experiencias de gays y lesbianas sordas, borradas en la historia. Para ello, utilizamos una serie documental compuesta por los programas de las convenciones de la Alianza Arco Iris de Sordos en el periodo 1978-1989. Ellos sitúan el nacimiento de un movimiento norteamericano de gays y lesbianas sordos pretendiendo el intercambio de experiencias entre generaciones y la promoción de amistades a través de eventos políticos y sociales con el fin de promover los derechos humanos y una forma de existencia que desafía la lógica normativa impuesta a los sordos.

Palabras clave: gays; lesbianas; sordos; RAD; historiografía.

É uma antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos. (FOUCAULT, 2006: 203)

A epígrafe que abre este texto foi extraída de “A vida dos homens infames” Michel Foucault escolhe contar a história daqueles que não existem, daqueles sem nome, “Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos” (FOUCAULT, 2006: 203). Em vários momentos de sua vida, em diferentes entrevistas, Foucault não se reconhecia como um historiador, apesar de admitir interesse pelo que os historiadores fazem. Também não se considerava um filósofo pois acreditava que o que fazia não era absolutamente uma filosofia.

Então, como você se definiria? ‘Eu sou um pirotécnico. Fabrico alguma coisa que serve, finalmente, para um cerco, para uma guerra, para uma destruição. Não sou a favor da destruição, mas sou a favor de que se possa passar, de que se possa avançar, de que se possa fazer caírem muros. Um pirotécnico é, inicialmente, um geólogo. Ele olha as camadas, as dobras, as falhas. [...] define-se, em seguida, a tática que será empregada [...]. O método, finalmente, nada mais é que uma estratégia. (POL-DROIT, 2006: 69)

Foucault (2006) se interessa justamente por aquilo que poderia causar escândalo a qualquer historiador clássico quando deixa claro que suas escolhas documentais “não seguiam outra regra mais importante do que “meu gosto, meu prazer, uma emoção, o riso, a surpresa, um certo assombro ou qualquer outro sentimento do qual teria dificuldades em justificar” (FOUCAULT, 2006: 203).

Tradicionalmente a escrita da História é baseada na tentativa de registro daquilo que é real, um discurso sobre o real e a realidade como algo exterior, uma representação desse real (ALBUQUERQUE-JUNIOR, 2019). Contudo, para Foucault,

a História é nominalista, uma prática discursiva que participa da elaboração do real, assim como outras práticas. [...] a História, por sua normatividade, estaria próxima da ciência, mas seria também, em grande medida, uma arte narrativa, pois não só representa o real, como participa da sua invenção, de sua criação escritural. (ALBUQUERQUE-JUNIOR, 2019: 151)

Quando pensamos por essa via, a História como criadora de realidades, ou seja, por mais que a matéria prima do historiador seja os documentos, ele cria e pode difundir narrativas quando faz conexões entre achados, rastros, restos e sobras documentais. E é através do documento que o historiador vai produzindo e criando realidades.

Em seu trabalho de pirotecnia, Foucault (2005a, 2006) enuncia que o documento não deve ser mais essa matéria inerte que nos dá uma verdade de fatos, ao mesmo tempo, ao promover esse olhar problematizador, nos inquieta com tal incerteza: quem define o que é ou não um documento? O que o sinaliza, que o coloca em uma série? Documentos reconstituem passados? Eles são inócuos? São inocentes? Que rastros e restos nos deixam?

Digamos, para resumir, que a história, em sua forma tradicional, se dispunha a “memorizar” os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente são verbais, ou o que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem; em nossos dias, a história é o que transforma os documen-

tos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam os rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjunto. (FOUCAULT, 2005a: 8 - aspas do autor)

Olhar para a História por essa via, como produtora de monumentos, pelos rastros e restos, por vezes apagados ou silenciados da narrativa validada, implica em designar um “a priori” histórico que não seria a validação de juízos, mas as condições de possibilidades de fazer um enunciado emergir enquanto outros são deixados de lado. Ampliar o foco aos escapes e restos que se perderam no processo legitimador de verdades é uma árdua tarefa. A leitura foucaultiana da história caminha mais pelos ‘vazamentos’ que pelo registro dos fluxos comuns das grandes produções enunciativas. Por isso é uma prática intensa, meticulosa, cuidada e detalhada. O historiador que evidencia o que ‘vaza’, no “a priori”, é aquele que amplia a atenção para o entorno e o que passou de grandes narrativas.

Além disso o a priori não escapa à historicidade: não constitui, acima dos acontecimentos [...] define-se como o conjunto das regras que caracterizam uma prática discursiva: ora, essas regras não se impõem do exterior aos elementos que elas correlacionam; estão inseridas no que se ligam. (FOUCAULT, 2005a: 145)

E assim, a partir de um “a priori” histórico, produzimos nossa pirotecnia quando ousamos ler nosso arquivo de vidas surdas infames, esquecidas, apagadas pela historiografia da Educação de surdos que conta sobre aqueles outros que automaticamente são notados. São homens, ouvintes, brancos, religiosos, guiados por uma heteronormatividade que contam a história de libertação dos surdos de um único método pedagógico, o método oral.

O arquivo, para Foucault (2005a), não é aquele arquivo empoeirado, corroído por traças. Não se trata de todo arsenal de textos que algum povo, alguma comunidade ou alguma cultura guardou, selecionou, organizou em seu poder tendo como testemunhos de uma identidade ou uma história específica. Também não são as instituições que registram, conservam e que escolhem manter livre ou não alguma lembrança.

O arquivo é um conjunto de enunciados produzidos em uma dada época e que continuam ressoando através da história. São as regularidades discursivas que precisam ser compreendidas por meio das práticas, regras e condições de funcionamento. Entender que os discursos são produzidos de forma “controlada, selecionada, organizada e distribuídas por certo número de procedimentos” (FOUCAULT, 2005b: 9) que tem como função principal conter qualquer possibilidade outra do discurso se dar a não ser como o “desejável” para uma dada época. Não permitir que o discurso aconteça sem um certo domínio de sua materialidade.

Isto porque a história é um contínuo exercício de narrativa e nesse contínuo, fios são tecidos por palavras constituindo uma rede que cobre e encobre situações, aquecendo e fazendo destacar determinados fatos e relegando ao gélido esquecimento outros tantos. A historiografia, ou seja, o exercício como tal de registrar o passado ou sobre refletir é uma prática marcada por cada tempo, mas sempre uma ação de corte dos fatos, uma experiência de fatiar uma realidade de cuja materialidade não mais temos acesso.

Uma historiografia pensada e, muitas vezes, escrita apenas por homens traz consigo as marcas de um texto heteronormativo, binário, polarizado que tende a enaltecer os grandes homens do passado, obnubilar as mulheres, assepticamente, apagar aqueles e aquelas que fizeram de seus corpos outras subjetivações e não se renderam à maquinaria familiar, escolar, religiosa e social que queria destiná-los à uma existência fadada à associação imediata entre genitália e identidade.

Também não são guardados nas páginas da história aqueles cujo corpo traz as marcas de uma diferença significativa em relação aos demais tidos como normais. O corpo dos diferentes, contemplado desde uma ótica médica que aponta a falta que possuem, é rejeitado ou tratado como personagem caricato que, quando adentra um texto histórico, se dá como excrescência, um verdadeiro apêndice.

É nessa perspectiva de fazer história que definimos aqui, para o recorte das reflexões pretendidas, o nosso conjunto serial se dará a partir de vidas insurgentes, àquelas que não se limitaram à seriação pela identidade de um corpo podado pelo padrão normativo, mas que exercem em si alguma discrepância que os diferenciam das demarcações e classificações típicas. Concordamos com Deleuze quando ele afirma que “apenas um método serial [...] permite a construção de uma série na proximidade de um ponto singular, e a busca de outras séries que a prolonguem, em outras direções, ao nível de outros pontos” (DELEUZE, 2005: 31).

Olhar para corpos e suas produções como arquivo produzido por essas vidas infames, torna-nos compromissados com sua emergência, com a possibilidade de trazer a existência, vidas apagadas. Vidas lindas, vivas que resistem! Desta maneira, nos deteremos nos programas de dez eventos organizados nos Estados Unidos da América por homens e mulheres surdos, gays e lésbicas, os quais, a partir do final da década de 1970 até 1989, sugerem-nos uma nova modalidade de congressos de surdos.

Na esteira de uma tradição francesa, iniciada com banquetes promovidos pelo surdo Ferdinand Berthier e, posteriormente, organizados pelas militâncias surdas da Europa e EUA, os congressos ou convenções da Rainbow Alliance of the Deaf⁵ (doravante RAD) apontam para uma ampliação das temáticas e discussões sobre “vidas surdas infames”. Os eventos da RAD, depois de 1985, passaram a ser bianuais e ocorreram sem interrupções até o ano de 2021.

Os esquecidos pela história

O fazer/tecer história tende a privilegiar grandes fatos. Da memória cotidiana se extrai e se registra para a posteridade aquilo que se deseja ser lembrado. Paradoxalmente, registramos para lembrar e ao fazê-lo corremos o risco de apagar as lembranças e a riqueza que elas carregam. Mas é do ofício de quem narra história juntar peças e colocar em evidências personagens e nomes e, ao mesmo tempo, deixar outros de lado, às margens, destinados ao esquecimento.

Deter nosso olhar sobre um grupo de esquecidos implica em assumir uma postura historiográfica a partir da qual tencionamos ver não somente as regularidades, mas também as interseções, as rupturas, as brechas que a história nos deixou. Gays e lésbicas são pessoas, com raras exceções, destinadas ao apagamento. Quando são imprescindíveis à história, tende-se a ocultar ou minimizar sua sexualidade, compreendidas ora como tabu ora como um elemento descartável para a compreensão narrativa.

Mas há uma história gay e lésbica a ser escrita. E, talvez, aqui se apresente um desafio metodológico: como narrar uma história de gays e lésbicas? Certamente, será sempre uma historiografia para contestar, estremecer, sacudir estruturas.

⁵ Em tradução livre: Aliança Arco-íris de Surdos.

Também os surdos fazem parte dos grupos esquecidos pela história clássica. A história dos surdos é algo recente, remontando ao século XVII e, problematicamente⁶, vinculada à história da educação de surdos. Portanto, é uma história desde essa condicionante, tendo como gêmea siamesa a história da educação, deixando escapar tudo o que não coube ou não foi capturado por ela. A história dos surdos é marcada por anônimos, silenciados e esquecidos e para além disso, raramente, toca-se em questões da sexualidade dessas pessoas.

Neste sentido, os registros referentes aos congressos organizados pela RAD e a própria existência de um movimento surdo LGBTQIA+ ressoa como uma fonte teórica-discursiva potente para compreender e desvelar a história desses sujeitos, seus ideais, formas de organização e produção linguística e cultural abrindo possibilidades de análise e discussão que atravessam múltiplos campos de estudo.

Histórico dos congressos de surdos no século XIX-XX e a Federação Mundial dos Surdos

Os congressos organizados por surdos europeus remontam ao século XIX. Trata-se de um conjunto de eventos praticamente desconhecido pelo público brasileiro que, em função de um dado contexto, acabou priorizando uma narrativa que colocava em destaque o evento organizado por professores de surdos, na cidade de Milão, no ano de 1880. Mais uma prova do quanto a história dos surdos é suplantada por uma história da educação de surdos (RODRIGUES, 2018).

Antes mesmo do, frequentemente referenciado, Congresso de Milão, os surdos europeus fizeram congressos nacionais, mas também internacionais com participação de alguns poucos países. O primeiro evento de cunho fortemente internacional é o Congresso de Surdos de Paris de 1889. Outros eventos se seguiram: 1893, Chicago; 1896, Genebra; 1898, Dijon; 1900, Paris (RODRIGUES, 2018). Os congressos de surdos do final do século XIX são espaços de discussão acerca das demandas daquela população, particularmente, diante do investimento dos professores de surdos na articulação, configurando-se como método oral puro que prescrevia o abandono do uso de sinais.

As atas desses eventos mostram uma comunidade surda bastante organizada para propor a educação que gostariam. Entretanto, os temas tratados não se restringem ao universo educacional, sendo perpassados por ele, mas ultrapassando-o e tocando em assuntos como trabalho, aposentadoria, cultura, artes. Uma das marcas desses eventos e que deita raízes nos eventos organizados por Berthier, são os banquetes celebrativos. Ocasão ímpar em que, entre um e outro brinde, se fomenta a amizade, se criam vínculos, se fortalecem práticas.

Do início do século XX até 1937 temos outra série de eventos organizados por surdos. Quase sempre sediados entre Europa e Estados Unidos, os congressos ganharam popularidade entre os surdos e serviam como espaço de debates, confraternizações e concursos. Após a Segunda Guerra Mundial, os surdos fundaram uma organização mundial e os congressos internacionais cedem lugar aos eventos promovidos pela Federação Mundial dos Surdos⁷ estabelecida em 1951.

Fizemos esse retrospecto por considerarmos que os congressos organizados pela RAD corroboram para a continuidade de um trabalho iniciado há quase dois

⁶ O “problematicamente” aqui empregado se deve ao apagamento das vivências e experiências surdas para além do contexto de escolarização. Aspectos estes apenas tangenciado pelos métodos e perspectivas voltadas para os surdos e focados no contexto escolar.

⁷ World Federation of the Deaf. A associação segue ativa na organização de movimentos e promoção dos direitos dos surdos. Mais informações podem ser encontradas no site oficial <https://wfdeaf.org/>.

séculos. O estilo festivo do que é proposto nas programações assemelha-se muito aos tempos livres nos congressos destinados à valorização do encontro entre surdos, com o diferencial de uma proposta então voltada para a conglomeração da comunidade surdos gays e lésbicas.

História da Rainbow Alliance of the Deaf (RAD)

A *National Rainbow Alliance of the Deaf* nasce como uma sociedade sem fins lucrativos no ano de 1977. Ou seja, quase uma década depois da rebelião de Stonewall. Tendo Roy Parker como um primeiro idealizador e como co-fundadores Dick Hill, Michael Hagerty, Guy Wonder, Herbert Fradin, Edward Schwartz, James Dunne e Richard Thrash, a Rainbow Alliance of the Deaf e tinha por objetivo inicial permitir a aproximação entre surdos gays mais velhos com as novas gerações.

Com o passar do tempo, percebendo a necessidade de se ampliar a participação de canadenses, o termo “*National*” foi suprimido. Também o objetivo ganhou nova adequação como se pode ler no site da aliança:

O objetivo desta aliança é estabelecer e manter uma sociedade de Gays e Lésbicas Surdos para incentivar e promover o bem-estar educacional, econômico e social; fomentar o companheirismo; defender nossos direitos; e defender nossos interesses como cidadãos surdos gays e lésbicas em relação à justiça social; construir uma organização na qual todos os membros dignos possam participar da discussão de problemas práticos e soluções relacionadas ao seu bem-estar social. (RAD, 2022)⁸

Originalmente a aliança contava com 4 delegados representantes em quatro estados: Nova York, Illinois, Michigan e Florida. A ideia consistia na organização de eventos anuais de forma itinerante entre os demais estados americanos. A última convenção anual ocorreu em 1985 em Washington Dc. A partir daí a RAD optou por eventos bianuais incorporando diversas organizações LGBTQIA+ dos Estados Unidos e do Canadá.

O inicialmente idealizado tomou uma dimensão extraordinária e os congressos realizados a partir de 1978 são um testemunho da organização e capacidade dos surdos gays e lésbicas, num contexto de amizade, se colocarem no mundo protagonizando como debatedores de suas realidades, atualizando agendas e criando parcerias, demonstrando um cuidado de si e dos outros.

É comum a afirmação de que a educação de surdos se coloca como tema marginal, estando muitas vezes fora do grande debate acerca da área da educação e das formas metodológicas de práticas pedagógicas. As narrativas que se colocam como textos históricos em defesa à uma educação de surdos, no campo dos estudos surdos, se refere a temas gerais que indicam petições acerca da acessibilidade linguística, de uma educação bilíngue, em língua de sinais e na língua oral de seu país e do reconhecimento de pautas linguístico-culturais de atenção às pessoas surdas.

No entanto, ao adentrar no miúdo da história, como na citação acima, apontar demandas de subgrupos internos às comunidades surdas, com pautas que os colocam em paridade com pessoas ouvintes que se insurgem pela sexualidade, é materializar os processos inter-relacionados entre inclusão-exclusão evidenciando micro apagamentos que se dão mesmo dentro das próprias comunidades minorizadas.

SILVA XAVIER NASCIMENTO, Gabriel et al.
“Além de surdo é bicha?” e, olhe a outra, “além de surda, sapatão!”

⁸ Ao longo do texto os recortes do site e dos programas da RAD são aqui transcritos em tradução livre realizada por um dos autores. Os originais podem ser acessados nos links indicados.

Ou seja, todo processo inclusivo, que alicerça às sociedades capitalistas, produzido pelo agrupamento de sujeitos por pautas identitárias comuns, produzem cortes seletivos daqueles que podem estar inseridos, mas também àqueles que vazam às nosologias postas sobre tais categorias, neste caso, especificamente sobre a surdez a homossexualidade.

Assim, embora nos textos tradicionais em defesa da educação de surdos em uma abordagem bilíngue trazidos em referenciais históricos se defenda pontos comuns de demandas do grupo maior, ‘a comunidade surda’ deixa vazar vidas e pautas locais como a proposta pela Aliança (RAD, 2022).

Da eleição da série documental

De 1978 até o ano 2021 a RAD promoveu ao todo 27 convenções, fomentando em lugares diferentes dos EUA e Canadá as discussões sobre as pautas LGBTQIA+. Os programas de cada evento, com exceção do primeiro podem ser acessados em inglês no site⁹ da organização.

Apesar de não termos tido acesso aos relatórios dos eventos, uma análise das programações e de outros elementos que costumam acompanhá-las, como por exemplo, carta do presidente da RAD, comentário de alguma autoridade, propagandas, possibilita-nos esboçar uma história de um grupo de surdos gays e lésbicas bem como perceber algumas marcas intrínsecas destes eventos.

A materialidade dos programas, ainda que sejam versões escaneadas dos originais não assegura que aquilo ali proposto efetivamente se deu o que seria possível analisar em posse das atas e relatórios não disponibilizados no site. Vale pontuar, no entanto, que considerando que a historiografia é essa arte de mover com peças do passado, criando e recriando narrativas, não temos a pretensão de apego à uma facticidade. Interessa-nos mais a discursividade que se apresenta nesses programas e suas interlocuções com outros temas. O programa, talvez, possa ser compreendido como uma grande “carta de intenções” e, nesse caso, desejamos problematizar o que aquelas pessoas se propunham ao longo dos eventos.

Um dado importante dessas programações é a nomeação de diversos surdos e suas funções no evento, permitindo rastrear biografias ou mesmo criá-las desde esse horizonte de uma militância surda gay ou lésbica em dado recorte temporal. Assim, tomamos aqui para análise os programas dos eventos ocorridos na primeira década, isto é, entre 1978 e 1989.

A escolha deste recorte para nossa serialização se deve ao fato de que os eventos desse período parecem fechar um primeiro ciclo de congressos, inclusive em função de que o evento de 1989 retornou à cidade de Cleveland na qual o evento de 1979 foi sediado. Desta maneira, temos uma amostra do que foi tratado nos programas dos dez primeiros encontros com registro a partir dos documentos escaneados e disponibilizados no site da RAD.

A partir da leitura dos documentos, procuramos analisar como certa historiografia de surdos gays e lésbicas é possível e sua relevância para atuais discussões em uma comunidade que, historicamente, sofreu preconceitos em função da surdez e da vivência transgressora da sexualidade.

⁹ <https://www.deafrad.org>.

Os conteúdos na serialização programática 1978-1989 da RAD

O segundo encontro da aliança, ocorrido entre 7 e 9 de abril de 1978 na cidade de Nova Iorque, sugeria ser definitivamente o tempo dos surdos gays o que pode ser depreendido a partir de um trocadilho na língua inglesa que permitia brincar com "definitely" e "deafinitely" em que a raiz –def (de definitivo) é trocado por –deaf (surdo) na composição da frase "Definitely for a deafinitely gay time".

O hotel escolhido sugere que o evento seja destinado a pessoas de condição econômica mais elevada. A programação incluía momentos de reflexão sobre o ser surdo gay, apresentações artísticas e diversos concursos (fisculturismo, beleza, música, teatro). No aspecto teatral há apresentações de uma paródia gay intitulada "I am deaf gay" baseada na canção "I'm gay" do musical "Let my people come: a sexual musical". É uma encenação adaptada de Cinderela renomeada por *Cinderfella*. Nesta versão, o papel central é encenado por um homem e a mudança no nome pode assumir pelo menos duas conotações com a adição do termo –fella: a primeira em retomada ao termo "fellow" (camarada) em sua forma de escrita coloquial marcada pela oralidade; já a segunda em alusão ao termo "fella-tio" (felação) dado o teor sexualizado do musical original. Essas alterações semânticas reaparecem nas apresentações culturais de todos os eventos.

É interessante notar na programação do evento o teor da militância e afirmação pró liberdade gay o que pode ser percebido no mote do evento "Deaf gay is great in '78"¹⁰, na forma de redação do convite para participação "It took America 200 years to come out... come out! Come up!"¹¹ e na manifestação registrada no final do programa.

Direitos humanos são absolutos
Seja o que quer ser
Discriminação não é de Deus
Liberdade de fala para surdos gays e lésbicas
Do armário para as ruas
Direitos humanos para todos
Direitos igualitários para bissexuais
Ser surdo gay/lésbica significa ser você mesmo
Afirmação gay/lésbica
Chega de discriminação!
Direitos surdos gays e lésbicas
Surdos gays e lésbicas em todo lugar
Consciência surda gay e lésbica
Liberdade para surdos gays e lésbicas
Ser surda e lésbica é alegria
Ser surdo e gay é fabuloso
Vivam ser surdo gay e lésbica!
Em qualquer lugar a qualquer momento. (RAD, 1978: 11)

Inclusive o trecho "do armário para as ruas" remete a própria intencionalidade do evento que não se encerrava no local de realização e se direcionava para festividades nas ruas após a finalização da convenção, como uma forma de passeata materializando uma prática discursiva marcada pela coletividade.

De 20 a 23 de setembro de 1979, em Cleveland, Ohio, foi realizada a terceira convenção. Edward M. Schwartz, tesoureiro do evento, menciona no programa o orgulho e felicidade ao ver os surdos gays atuando e demonstrando que não eram

¹⁰ É ótimo ser surdo e gay em '78'.

¹¹ Os EUA levaram 200 anos para se assumirem... assumam-se! Ergam-se!

dignos de pena por serem surdos. De forma contundente, afirma: “Definitivamente, não precisamos de pena, pois somos surdos” (RAD, 1979: 3 - tradução nossa). Menciona-se a participação de 44 afiliados e fornece ainda informações sobre outros surdos gays dos EUA.

No programa de 1979 há uma descrição expandida e detalhada do comitê organizador e seus respectivos papéis, nestes destacamos os papéis de tesouraria e coordenação de intérpretes. O primeiro sugere a arrecadação de dinheiro por membros da aliança e, possivelmente, cobrança pela participação nos eventos como forma de angariar fundos para as festividades e banquetes. Já o segundo sugere a presença de ouvintes ou surdos não usuários de ASL visto que a mobilização de uma equipe de intérpretes integrava a programação.

A quarta convenção ocorreu entre 19 e 22 de junho de 1980 em Toronto, Canadá. Nota-se, portanto, um movimento de expansão. Herbert M. Fradin comenta que os encontros permitiam perceber como havia diferenças entre os surdos gays, mas também como havia questões em comum. Além disso, sugere que um dos objetivos do evento é facilitar a compreensão da “natureza gay¹²” dentro das comunidades de surdos e ouvintes (RAD, 1980: 1). Nota-se uma maior formalização na programação incluindo os dizeres de boas-vindas de outros membros do comitê além de um detalhamento nos horários da programação de todo o evento. Por fim, são descritos os nomes e endereços de diversas associações de surdos gays espalhadas pelos EUA e Canadá o que reitera não somente a expansão da convenção como a emergência de outros grupos organizados na América do Norte.

De 25 a 27 de junho de 1981, em São Francisco aconteceu a quinta convenção. Ken Mikos ao reafirmar a relevância do evento disse: “enquanto estamos aqui reunidos, devemos reafirmar nossos direitos de viver sem discriminação como gays e como deficientes auditivos” (RAD, 1981: 6). A questão dos direitos aflora para além da simples proposta de valorização da amizade. Pode-se supor que, justamente, é a amizade o fator que deflagra o movimento de se defender os direitos. Neste aspecto, é possível compreender a noção de uma formação de identidade pluralizada, isto é, na contramão de uma homogeneidade da comunidade surda e que possibilita a correlação das diferenças e similitudes em prol de um mesmo ideal.

Nesta convenção encontramos ainda uma confirmação acerca da organização da tesouraria do evento e na arrecadação de fundos para sua realização quando no final da programação há um agradecimento formal aos “patronos e doadores” (RAD, 1981: 15).

A sexta convenção ocorreu em Denver, Colorado, nos dias 24 a 27 de junho de 1982. A discussão sobre os direitos dos gays permanece na pauta, retomando ainda uma temática que já presente em 1981 sobre a dependência de álcool e drogas.

Os diversos workshops tratam de temas que envolvem a saúde das comunidades gay e lésbica surdas. Parece-nos haver um movimento dentro do evento de deslocamento da simples aproximação de amigos e comemoração para a informação, procurando ofertar aos participantes, reflexões que embasassem suas lutas diárias por respeito na sociedade. Recorde-se que na década de 1980 surgem os primeiros casos de AIDS, apresentada na mídia por longo tempo como “câncer gay”.

¹² Tradução nossa para “*gay nature*”.

Nesse contexto ofertam-se oficinas voltadas especificamente para a saúde e afetividade e desta vez há um diferencial de excursões para fora do evento, como é o caso de um ônibus fretado para uma visita às Montanhas Rochosas reforçando o aspecto educacional e social dos encontros. A excursão indica um movimento de associação com o ramo empresarial o que é reiterado nos agradecimentos finais em que há uma seção específica destinada a negócios.

No período de 26 a 30 de maio de 1983, na cidade de Chicago, Illinois, aconteceu a Sétima convenção. Na mensagem do comitê organizador podemos ler: “Somos uma minoria dentro de uma minoria, está na hora de nós, os deficientes auditivos, sermos reconhecidos como seres humanos, mas cabe a cada surdo tornar-se visível e viável (ativo) na comunidade gay” (RAD, 1983: 1).

A programação expande as relações locais ao indicar um mapa listando bares gays em Chicago, bem como uma classificação específica de público para cada um deles como: predominantemente homens, mulheres, mistos, show de drag queens, fetichistas com couro etc., conforme se observa no recorte.

Imagem 1 – Classificação, mapa e listagem de bares gays em Chicago

BARS

Chicago has loads of gay bars. We, WCRSD encourage you to explore our fabulous city!

REFERENCE CODE	
(Map A-1)	Map Location
M	Predominately Male
F	Predominately Female
MF	Mixed Male & Female
GS	Gay & Straight Mixed
D	Disco
L	Levi, Leather
W	Western
S	Female Impersonator Shows
E	Live Entertainment
R	Restaurant, Food Service
*	Bars Open To 4am

Annex 2—MF, D (Map A-10)*
430 N. Clark 644-5268
Amen Corner—M (South of maps)
731 E. 75th St. 487-9611
Artful Dodger Pub—GS, E, S (West of maps)
1516 N. Milwaukee 252-9665

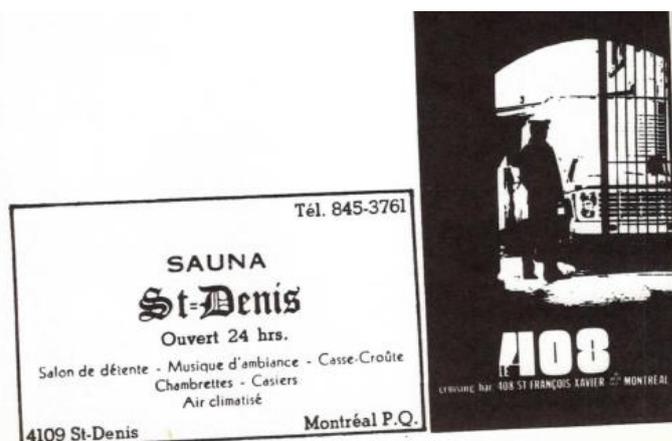
Fonte: RAD Conference Book, 1983: 9. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1a5lvWbXmaBdL2cEJuGxCN3MicQFDzOTB/view>

O Oitavo congresso, primeiro fora do solo americano ocorreu em Montreal, Canadá nos dias 21 a 24 de junho de 1984, sendo organizado em cooperação com a *Association des Bonnes Gens Sourds* (ABGS). Sem mencionar as temáticas que seriam discutidas, o programa tem na maior parte de suas páginas anúncios para o público gay e lésbico interessado em participar do evento.

Assim, podemos encontrar cartões de sauna, livrarias especializadas (L'Androgyne), lojas de roupas e uma lista de 42 restaurantes, bares e estabelecimentos, supostamente, frequentados por gays e lésbicas. Uma curiosidade se deve ao fato de haver alternância entre o inglês e o francês, isso se deve ao fato de que apesar de boa parte da população de Montreal dominar ambas as línguas, parece haver uma preferência para o francês que acaba por ser predominante em nomes de comércios, placas etc.

SILVA XAVIER NASCIMENTO, Gabriel et al.
“Além de surdo é bicha?” e, olhe a outra, “além de surda, sapataô!”

Imagem 2 – Anúncios presentes na programação da convenção de 1984



Fonte: RAD Conference Book, 1984: 13. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1HHnuzVhIpDaWOTsKbA28FnWbdb58GFTC/view>

De volta aos EUA, em Washington, de 13 a 16 de junho de 1985, foi realizada a nona convenção, a última de caráter anual. O superior do Distrito de Colúmbia saúda a comunidade gay e lésbica do evento com as seguintes palavras:

Seu compromisso contínuo com a erradicação das formas de discriminação que levam a violações dos direitos civis e humanos é digno de elogios. Como alguém que está ciente das contribuições da comunidade gay para nossa nação, vocês têm meu apoio contínuo ao perseguir suas metas e objetivos para o benefício de todos. (RAD, 1985: 2)

Parece-nos que o caminho desenvolvido pelo movimento havia alcançado um grau de publicidade e confiabilidade aceito pelo poder público de então. Na programação, novamente, chama a atenção o tempo dedicado à questão da dependência de álcool e drogas. O elemento novo é que, neste evento, o título da reflexão é acompanhado da informação “será apresentado por uma mulher surda, Tina Breindel-Flaten” (RAD, 1985: 8). Na página 18 deste programa encontramos uma série de explicações acerca da AIDS. Uma carta de Michael D. Ziskind, da Gay Men's Chorus of Washington¹³, recorda que gays e lésbicas surdos sabiam o quanto sofriam também no interior da própria comunidade gay e reconhecia a importância dos afiliados da RAD para superar tais conflitos.

Em 1987, de 01 a 5 de julho, na Flórida, foi feita a décima convenção, primeira bianual. Para além das festas que se tornaram tradição no evento, há um espaço para esportes, como o vôlei. Também merece destaque na programação um momento que se destina à reunião das mulheres (Women's get together¹⁴) e uma oficina/grupo de discussão destinado a todos sobre como melhorar o relacionamento com um “amante”¹⁵. Diversas propagandas dão o tom das páginas do programa e sugerem-nos o estereótipo dos corpos desejados de então e de possíveis lugares onde produzi-los ou encontrá-los. As duas últimas páginas trazem uma lista de nomes de surdos afiliados.

No congresso de 1989, realizado em Cleveland, de 19 a 23 de julho, Brian McCartney, presidente da RAD, comenta que era necessário superar divergências

¹³ Coral Masculino de Washington.

¹⁴ Mulheres se unem.

¹⁵ O texto não oferece detalhes que nos permitam precisar se o termo “lover” é empregado no sentido de relação extraconjugal ou de parceiro afetivo comum. A primeira concepção é também possível dado o caráter de sigilo mantido por homossexuais, em alguns casos, com pessoas casadas.

para se avançar na luta contra a discriminação e a AIDS. Neste programa há uma pequena lista de surdos gays falecidos. Ele recorda a participação de surdos nas paradas gays e na manifestação pelas vítimas da AIDS ocorrida em Washington. Há uma insistência por parte de Brian de que os surdos gays precisam confiar uns nos outros. Num dos anúncios no texto do programa há um desenho que sugere que aquele grupo forma uma família. Essa imagem pode ser facilmente associada à menção também feita por Brian de que aconteceram vários eventos gays promovidos por surdos (RAD, 1989).

Imagem 3 – Anúncio para 11ª edição do piquenique de surdos LGBQIA+



Fonte: RAD Conference book, 1989: 22.

Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1q9_xKBu09S67y86zlZpfc2K-fd0KkzV1/view

Considerações finais

Os dez primeiros programas dos congressos da RAD nos sugerem o nascimento de um movimento de gays e lésbicas surdos cujo fundamento inicial era a troca de experiências entre gerações e o fomento de amizades. Com o desenrolar dos eventos, o aspecto festivo inicial foi mantido, mas temáticas outras começam a despontar, demonstrando que os congressos da RAD se transformaram em oportunidade de formação de militâncias gays e lésbicas surdas, espaço de debates, ocasião de manifestação das diferenças, valorização e fortalecimento dos movimentos locais.

O fato de não termos acesso a registros do que foi efetivamente discutido não nos impediu de compreender que os congressos reservavam também parte do tempo para oficinas e pequenas palestras voltadas para os cuidados com a saúde.

Para além de um mero moralismo, gays e lésbicas surdos, apropriavam-se de informações que raramente teriam acesso em outros espaços seja pela questão da língua seja pela abordagem curricular empregada na educação de surdos, visto

que a formação da mão de obra para trabalho mostra-se imperativa nas convenções educacionais que abordavam a surdez ao longo século XX (NASCIMENTO, 2019) ou mesmo pela liberdade de discussão temática em um período de dura repressão à prática homossexual, o que é reiterado pela emergência de movimentos sociais e políticos em defesa dos direitos LGBTQIA+.

Desta forma, tratar sobre o uso de drogas e álcool e questões de prevenção à AIDS implica em potencializar o cuidado de si, muito coerentemente ligado àquilo que foi a proposta inicial do movimento. O engajamento de gays e lésbicas surdas em outras frentes de luta política desde associações locais a eventos como paradas gays apontam para uma comunidade viva que não se deixou silenciar, ainda que sofra de apagamentos dentro dos movimentos sociais da própria comunidade surda, visto que as menções sobre eventos LGBTQIA+ mesmo de grande proporção como os da RAD não aparecem nos principais documentos e registros da história dos surdos.

Neste recorte tomamos apenas dez programas dos 26 disponíveis. Abre-se, portanto, um vasto campo de pesquisa em torno das questões sobre as organizações de gays e lésbicas surdos. Os programas dos demais eventos da RAD, de 1991 a 2021, permanecem como material ainda a ser melhor explorado. Material que incita os pesquisadores a avançar em outros atravessamentos como questões biográficas, associações locais, avanços em políticas e reconhecimento pelo Estado. O que poderia ter ficado como simples *souvenir* do evento é uma peça que nos permite constituir uma série de arquivos através dos quais se pode contar uma história sobre esses homens e mulheres que ousaram desafiar uma sociedade e performaram modos de ser questionadores dos padrões. A lembrança de um evento dá-nos pistas para escrever uma história do evento.

Ser gay ou lésbica ganha uma outra dimensão quando o corpo que vivencia essa estrapolia do existir é também o corpo que já extrapolou o mundo ouvinte. Além de surdo, bicha! Além de surda, sapatão! Esses termos não raramente pronunciados em tom pejorativo, são revestidos pela afirmação da experiência de ser gay e lésbica e materializados nas atividades políticas, sociais e culturais à medida em que nos programas da RAD revelam uma forma de existência potente, capaz de tensionar as próprias comunidades surdas e também de colocar em suspenso alguns padrões aos quais as comunidades surdas gays e lésbicas acabavam por ceder.

Recebido em 1 de maio de 2022.

Aprovado em 20 de agosto de 2022.

Referências

- ALBUQUERQUE-JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado (ensaios sobre teoria da história)*. Curitiba: Editora Appris, 2019.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2005a
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2005b.
- FOUCAULT, Michel. “A vida dos homens infames”. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos IV. Estratégia, Poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- NASCIMENTO, Gabriel S. *A língua própria do surdo: a defesa da língua a partir de uma subjetividade surda resistente*. Dissertação de Mestrado, Educação, UFES, 2019.
- RAD (Rainbow Alliance of the Deaf). *Conference Book: Second Annual National Rainbow Society of the Deaf Gay Convention*. New York, 1978.
- RAD (Rainbow Alliance of the Deaf). *Conference Book: The Third Annual Convention of the Deaf*. Cleveland, 1979.
- RAD (Rainbow Alliance of the Deaf). *Conference Book: The Fourth Annual National Convention of the Deaf*. Toronto, 1980.
- RAD (Rainbow Alliance of the Deaf). *Conference Book: The Fifth National Rainbow Society Deaf Convention*.
- RAD (Rainbow Alliance of the Deaf). *Conference Book: The sixth Rainbow Alliance of the Deaf Convention VI*.
- RAD (Rainbow Alliance of the Deaf). *Conference Book: The seventh Annual Rainbow Alliance of the Deaf Convention*.
- RAD (Rainbow Alliance of the Deaf). *Livre de conférence: La huitième Congrès Annuel R.A.D.*
- RAD (Rainbow Alliance of the Deaf). *Conference Book: The ninth Annual Rainbow Alliance of the Deaf Convention*.
- RAD (Rainbow Alliance of the Deaf). *Conference Book: The tenth R.A.D. Convention*.
- RAD (Rainbow Alliance of the Deaf). *Conference Book: The eleventh Rainbow Alliance of the Deaf Convention*.
- RAD (Rainbow Alliance of the Deaf). *History of the Rainbow Alliance of the Deaf*, 2022.
- RODRIGUES, J. R. *As seções de surdos e de ouvintes no Congresso de Paris (1900): problematizações sobre o pastorado e a biopolítica na educação de surdos*. Dissertação de Mestrado, Educação, UFES, 2018.

ACENO
REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

*A Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste
recebe o ano inteiro, em*

FLUXO CONTÍNUO,
artigos livres,
resenhas,
ensaios fotográficos,
dossiês (propostas).

*Interessados na submissão de trabalhos e
também em atuar como*

pareceristas

podem realizar seus cadastros em

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno>

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso